

Publicado em:

Periódico Héstia

Curitiba, V.3, N.1, 2019

www.periodicohestia.org

A isofonia pós-moderna e o declínio da ficção

A isofonia pós-moderna e o declínio da ficção

Victor Leandro da Silva*

Que a democracia tem seus perigos e contradições, isso era sabido pelo menos desde os gregos. Entre estes, a isegoria, o igual direito à palavra, era universalmente praticado, com o cuidado de que esse universo abarcasse somente os bem-nascidos, os quais, segundo seu misticismo, deveriam ser também os mais providos de capacidade reflexiva. De todo modo, algum crivo era necessário, no que se via uma preocupação presente com a necessidade de tornar os debates minimamente significativos.

Ora, é absolutamente estúpido acreditar que o destino pode previamente definir quem tem melhores condições de atuar nos assuntos públicos. Também isso tem pouco a ver com democracia. De igual maneira, é inútil instituir critérios meritocráticos, que continuam sendo uma grande loteria mítica. A única solução para democratizar o debate na ágora é propiciar a todos o acesso à instrumentalização crítica. Nisso, nossa sociedade contemporânea parece ter se empenhado com algum vigor. No entanto, falhou exatamente no momento crucial, pois colocou em lugar do questionamento radical uma inteligibilidade meramente operativa, a razão da lógica e do número. Como resultado, produzimos um sem número de máquinas moventes de calcular, que agora serão substituídas de maneira impiedosa pelos computadores e outros dispositivos digitais, enquanto a criticidade permanece em franco e inexorável desaparecimento, incapaz de afirmar seu lugar no mundo.

* Endereço eletrônico: viktorleandro@hotmail.com.

Numa linha inversamente proporcional, os meios de comunicação e, por conseguinte, de acesso ao debate público aumentaram vertiginosamente. De sua cama, no meio de seus seriados e livros de fantasia, um adolescente pode a qualquer momento emitir opiniões sobre os mais diversos temas, do filme da moda ao cenário político internacional. E, fazendo uso dos jargões típicos da linguagem jornalística, ele é capaz de revestir seu texto de uma pseudo-acuidade incontestável à massa distraída de seus leitores, colocando-se ao pé de igualdade com os mais atentos e esmerados analistas do assunto.

Mais uma vez, para os menos perspicazes, a democracia parece ter triunfado retumbantemente, quando na verdade suas conquistas são pura aparência. Grandes veículos de informação e a indústria cultural seguem dando as cartas, de modo que o que se tem mais fortemente são seus pressupostos disseminados numa velocidade absurda. Em certas ocasiões, alguma coisa parece sair do controle, porém é logo tranquilizada por uma reação na mesma medida, de modo que o estado de coisas permanece inalterado. Por outro lado, os indivíduos parecem estar plenamente satisfeitos, pois agora supostamente dispõem de meios para serem ouvidos, acreditando na originalidade e na autonomia de suas colocações. Os conflitos, agora mais constantes, não produzem de forma alguma o novo, posto estarem sistemicamente assimilados. Nesse cenário de rebeldia totalmente organizada, a verdadeira contradição desaparece por completo.

Desse modo, o que se forma por meio desse coro é um conjunto de vozes indistintas. Perdida no emaranhado de observações difusas, a crítica autêntica e contundente perde sua força por não poder ser percebida. Os argumentos saltam de todos os lados

e saturam as mentes dos que tentam compreendê-los. Na praça pública, a massa faz um coro cujos sons e cantores não podem ser discriminados nem em suas mais destacadas variações, tamanha é a algazarra provocada pelos maldizentes, deixando como única opção reforçar o caos ou retirar-se para lugares mais tranquilos.

Como resultado, o que se produz é uma anulação, uma incômoda neutralidade entre as vozes atuantes, que permitem a constituição da isofonia. Nela, não existem mais atores destacados, muito menos minorias a serem ouvidas. Somente uma amorfa massa sonora pode ser percebida. E, se isso é bastante cômodo para os que não querem ouvir as vozes dos imbecis, mais cômodo ainda o é para ofuscar as antes silenciadas manifestações das massas, que agora se deixam iludir pela ilusão de que há receptores para suas mensagens desesperadas e pedidos de ajuda.

Quanto a isso, não pode haver engano. Uma melodia tão harmônica não poderia se constituir se não houvesse um maestro que conduzisse o andamento de uma orquestra tão destoante. Este, como bem se pode prever, não é mais do que o bom e velho capitalismo, que, com sua batuta pesada, conduz os corais a cantarem todos ao mesmo tempo, com o máximo que seu fôlego permite, até que produzam juntos um som unívoco, sob o qual as oligarquias dançam tranquilas a valsa do lucro.

Qual a gênese desse processo? Novamente, é preciso olhar para as grandes transformações ocorridas no início do século XX, das quais o capitalismo de hoje é tributário. A ameaça comunista trouxe

à baila a necessidade de aplacar a sede de direitos do proletariado nas grandes economias liberais, que temiam serem varridas pela onda vermelha. Como resposta, propuseram algumas reformas que desembocaram na formação do Estado do bem-estar social, que conferia a cada indivíduo acesso aos bens mínimos necessários à vida. Com isso, saúde, educação, aposentadoria e alguns bens de consumo tornaram-se palpáveis para boa parte da população, o que, se não impedia as pessoas de continuarem a serem exploradas, atendia ao propósito de minar revoltas mais contundentes.

Porém, não foi o bastante. O proletariado não se contentou em ter melhores condições sociais. Queria também tomar parte das ações político-culturais. Concomitantemente, a indústria cultural ansiava por atingir um número cada vez mais expressivo de consumidores, o que a levou a elaborar produtos específicos que fossem apropriados às camadas mais volumosas da sociedade. Por apropriados, entenda-se aqui aquilo que as mantivesse num constante estado de alienação e alívio mental necessário depois de horas extenuantes de exploração pelo trabalho. Como contrapartida, a grande massa da população passou a exigir, gradativamente, que seu *ethos* e sua estética estivessem refletidos nesses produtos, no que foram prontamente atendidos, mas não sem que nesses objetos de entretenimento estivesse inculcida a ideologia dominante. Na convergência desses interesses, o que resultou foi a abertura de espaços que permitiram a um quantitativo cada vez maior de indivíduos falar sobre si e seu mundo, adquirindo uma relativa visibilidade, a qual ia sendo obviamente controlada, por meio dos governos e dos veículos de comunicações, que nada mais são do que mecanismos de cerceamento da chamada opinião pública.

O aprimoramento das teletecnologias, em especial a internet, inauguraram um novo momento nesse processo. Com ela, a centralização dos produtos ideológico-culturais se tornou bem mais difícil de ser realizada, promovendo espaços de abertura que começaram a criar campos de tensão e forças antagônicas, com o propósito de subverter a lógica de sua utilização e apropriar-se dos mecanismos difusores de cultura. Tal quadro só viria a se tornar ainda mais acentuado com o aparecimento das redes sociais, que, do ponto de vista da ordem dominante, tornou a situação bem próxima do caos. Em algumas nações periféricas, levantes puseram em xeque e derrubaram governos já quase que cristalizados no poder, tendo seus movimentos sido iniciados por meio de propaganda e organização de protestos através do Facebook. Nos Estados Unidos, o *Occupy* provocou uma séria contestação do capitalismo onívoro praticado em Wall Street. No Brasil, as jornadas de 2013 deram início a inúmeras contraposições à forma de organização política do país. Obviamente, estas não eram as primeiras revoltas levantadas contra o *status quo* nesses lugares. No entanto, o fato novo era a velocidade com que estas eram realizadas, que apontava para a possibilidade iminente de que a qualquer momento uma rebelião generalizada pudesse estourar de forma simultânea em todo o mundo.

Ao mesmo tempo, comunidades antes excluídas começaram a ser visibilizadas. Culturas relegadas ao segundo plano encontraram espaço para o protagonismo. Pessoas passaram a criar grupos de interesses comuns, e, com isso, potencializaram-se as suas capacidades de alcançarem um público cada vez mais numeroso. Com um simples *smartphone*, era possível realizar vídeos e falar sobre si, contando histórias que seriam vistas por milhões. Aos olhos de muitos, isso pareceu uma grande conquista, e seria, não tivessem todas essas iniciativas sob o controle de um punhado mínimo de

empresas que controlam o fluxo de informação. Através de seus mecanismos de censura e moderadores atentos, elas começaram a moldar as iniciativas destoantes e anárquicas, de modo a configurá-las sob um padrão aceitável perante os seus princípios. Quanto àqueles que insistiam em se opor, foi necessário intensificar antagonismos até que não se pudesse mais fazer diferenciação entre direita e esquerda, civilização e barbárie, regimes ditatoriais e democracia. Agora, todos fazem parte do mesmo espetáculo de uma *timeline*, que rola indistintamente no *ecran* das máquinas brilhantes.

Como resultado, definiu-se novamente um padrão que não pode ser demovido. Para ter acesso à tribuna pública, não se pode ir além de um certo número de caracteres. Também não é permitido compartilhar conteúdos que firam as sensibilidades socialmente constituídas. A nudez, por exemplo, quaisquer que sejam os propósitos estéticos de sua exposição, está proibida. O multiculturalismo vence, porém como forma aguda de repressão, já que só é corroborado nele aquilo que se coaduna com uma certa lógica moral zuckerberquiana.

A produção audiovisual, regulada proeminentemente pelo Youtube, também sofre um forte controle. Os vídeos mais acessados estão ligados de maneira inescapável à propaganda, de modo que não é possível ter um número maior de espectadores sem propagar o consumo, e gerar lucro ao sítio que os abriga. No plano estético, elaborou-se uma fórmula que desfavorece a reflexão, com uma velocidade de exposição de argumentos lancinante e cortes rápidos que fazem os quadros passarem sem o mínimo instante para que se possa pensar na imagem anterior. Nessa ordenação, o clímax é absolutamente extinto, posto que não há nem progressão nem pontos altos, somente um movimento único e lisérgico em que a menor

pausa é sinal de vacuidade estéril, e deve ser preenchida com algum conteúdo que, embora sem nenhuma substância, mantém a celeridade do conjunto. O humor também é uma marca indelével desse modelo. É preciso rir, sobretudo de si mesmo. Assim, alternam-se frequentemente as partes que compõem a exposição geral com outras normalmente em preto e branco, contendo cenas de bastidores ou comentários jocosos, propondo uma narrativa paralela que muitas vezes é mais aguardada que a principal. Aliás, somente de maneira formalista podemos falar no que é principal ou secundário nos vídeos. Na verdade, o objetivo destes, como peça de desinformação, é tão somente conduzir a plateia de um nada a outro, atravessados por uma falsa materialidade que contém a mensagem única do consumo da imagem como mercadoria.

Nesse entrelaçamento, a forma acaba por engolir o fundo ou, melhor, fundo e forma tornam-se indistintos no que diz respeito ao plano político sugerido. Um comentarista revolucionário não se distingue em nada do mais reacionário, pois todo o seu plano de composição está delimitado por um rígido conjunto semiótico que não pode senão exprimir aquilo pelo que foi criado. Desse modo, o dito também só pode ser fixado na ordem lexical estabelecida, o que faz com que se apresente como simples exercício de variação inócua de um mesmo tema. Dentro desse esquematismo, as iniciativas destoantes são menos do que rebeldia ou oposições; sem força, elas se sujeitam involuntariamente ao sistema constituído. Daí ser uma simples ingenuidade achar que modificações estruturais possam advir desses meios, quando de sua tentativa resulta apenas a sua ampla replicação.

Assim, na produção isofônica, não há espaço para inflexão, e não é possível enunciar de nenhuma forma o novo, muito menos o

velho. Sua ascensão inaugura a era do completo fim dos antagonismos, das oposições, dos movimentos. Fica, portanto, a possibilidade pálida de seguir por rotas alternativas, as quais, no momento presente, encontram-se quase que inteiramente apagadas e esquecidas, o que significa dizer que são de fato a única forma autêntica de contestar sua hegemonia.

Mas, o que essa isofonia tem a ver com a literatura, ou, mais especificamente, com a ficção, e, mais radicalmente ainda, pode contribuir para seu enfraquecimento e desaparecimento? Em diversos meios ligados ao mundo literário, já se insinua uma grande preocupação com as quedas nas vendas e com o possível déficit do estatuto social do livro e, conseqüentemente, dos seus autores. Nessas análises, o diagnóstico mais ligeiro é o de que há uma concorrência crescente entre os meios de entretenimento, no qual os livros levam uma forte desvantagem, o que tem impactado de maneira séria sua difusão. Isso, sem dúvida, é verdadeiro, porém não compõe de maneira decisiva o nexo de relações causais relativas a esse fenômeno.

Se observarmos historicamente, os adversários do livro encontram-se aí há um bom tempo, sem que tenham podido incliná-lo acentuadamente para a destituição. O cinema, como atividade que integra música, narrativa e imagens em movimento, foi, desde o princípio, um fortíssimo algoz e candidato a substituto da leitura, o que não ocorreu. Muito pelo contrário, se olharmos para o que se passa no cinema hoje, veremos que ele também está ameaçado, e

mantém sua relevância muitas vezes devido à introdução de enredos advindos de obras literárias, beneficiando-se do êxito e visibilidade obtidos por elas. Isso é válido tanto entre os chamados “filmes de arte” quanto na grande indústria, da qual a Disney, hoje praticamente dominante no mercado, dita as modas a serem seguidas pelos filmes mais recentes, tomando por tema principalmente as adaptações de quadrinhos do universo Marvel – as quais já faturaram, juntas, mais de quinze bilhões de dólares -, cuja origem remonta também à literatura. Portanto, não é no cinema que encontraremos o antagonista que o mercado procura.

De igual maneira, os seriados não representam uma ameaça ascendente. A rigor, eles integram o conjunto dos divertimentos televisivos, que, tal como o cinema, estão há muito tempo em voga, e nem por isso serviram como elemento de supressão mais aguda às obras da literatura. Sua recente condição de maior destaque na indústria não altera em muito o que já se tinha no que diz respeito à distribuição dos interesses dos espectadores. Houve, somente, uma reordenação da ordem de importância dada a cada item, em que estes se tornaram maiores protagonistas, mas sem ampliar os domínios anteriormente constituídos por eles em conjunto com as telenovelas, os programas esportivos, o próprio cinema ou o noticiário jornalístico, que sofre igualmente influência da cultura de espetacularização.

Na verdade, essas discussões servem apenas para explicar o caráter particular das questões que afetam a literatura no plano das disputas dentro do mercado de bens culturais, mas não servem para analisar o problema em ascensão, uma vez que o que se encontra em queda não é somente a literatura, mas a ficção em sua totalidade. As diversas formas de invenção narrativa encontram-se em condição de

ameaça generalizada. Entretanto, as desvantagens concorrenciais da literatura com relação aos outros meios de entretenimento – isso porque nem mesmo estamos falando da literatura séria, pois esta se encontra numa condição mais perigosa ainda – fazem com que esta se torne o alvo mais fácil e, por conseguinte, o primeiro a ser atingido.

Desde antes de chegar à escrita, a literatura se notabilizou pela liberdade conferida ao indivíduo. Com ela, ele estava liberado para criar suas imagens e ações conforme determinava sua inventividade. Mas essa qualidade, que há muito se mostrou tão cara e significativa, tornou-se, com as transformações sócio-econômico-culturais que foram aos poucos oferecendo produtos de cada vez mais fácil consumo, sem a necessidade de esforço para sua utilização, um ponto problemático dentro de sua composição. O indivíduo, acostumado que está a receber os objetos prontos, não quer mais se dar o trabalho de ter de realizar ele mesmo a prática de figuração mental da narrativa, preferindo dirigir-se a lugares em que este esforço já se encontra realizado. Some-se a isso o tempo demandado para a leitura de uma obra, e têm-se os elementos para que os textos se encontrem em forte descompasso com o modo de vida da contemporaneidade.

A essas qualidades próprias da literatura, que a determinam enquanto uma adversária menos competitiva na indústria, vem somar-se uma outra que, essa sim, pertence à ficção como um todo pelo menos desde a modernidade.

Desde as suas mais tenras elaborações, a literatura teve como preocupação constante o real. Este, ainda que não pudesse aparecer em sua mais intensa representação, estava prementemente manifestado na tão bem definida por Aristóteles ideia de verossimilhança, que retrata não o que foi, mas o que poderia ser. Essa preocupação em relatar os fatos como verossímeis e passíveis

de ocorrer no mundo marcou a forma como as poéticas eram produzidas, a despeito dos aspectos fantásticos que pudessem conter. Por mais que falassem de deuses e figuras sobrenaturais, elas precisavam estabelecer um rígido plano de coerência entre os acontecimentos reunidos, os quais, quanto mais se aproximassem das vivências do público, mais seriam reconhecidos e apreciados por este em sua fruição.

Com a ascensão do romance, o que era antes mais um dos requisitos da trama ascende como o radicalmente principal, a ponto de promover uma sensível renovação literária. A sociedade burguesa, da qual o romance se origina, já não tem interesse em ver representadas narrativas exemplares que refletissem os mais altos valores da humanidade, e sim histórias que tratassem daquilo que era vivido cotidianamente por ela. Em outras palavras, os burgueses queriam ver a si mesmos na literatura que consumiam, e começaram para isso a dar maior importância aos escritores que atendiam a esses propósitos, os quais, com o passar do tempo, findaram por converter as características distintivas de suas obras em imperativo estético. Surgia, então, o realismo que, embora tenha se desdobrado em algumas especificidades que influenciaram a escrita de autores de períodos determinados, configurando-se num estilo de época, transcendeu essa condição, estabelecendo-se como a pedra angular sobre a qual é erigida toda a tradição romanesca.

Essa procura pelo real, disseminada pela literatura, espalhou-se pelas demais artes e construtos culturais, de modo a ser o grande propulsor de suas manifestações, até mesmo naquelas pautadas na reprodução de universos fantasiosos, dos quais o cinema talvez seja o exemplo mais prolífico. As narrativas sobre viagens espaciais, monstros extraordinários e super-heróis só ganharam proeminência

nas telas quando foi possível desenvolver efeitos gráficos que tornassem indistintos da realidade os eventos fantasiosos expostos e contados. Por outro lado, foi através da refiguração dos caracteres das personagens que estas puderam humanizar-se a ponto de se acreditar que elas poderiam de fato existir, ou melhor, que já existiam entre nós sob formas menos fantásticas.

Mas, o que foi por muito tempo seu triunfo, tornou-se a chave para sua queda. A aparição das teletecnologias, aliadas às redes sociais, puseram os indivíduos em condição de expor seus fatos cotidianos em praticamente todas as horas do dia para milhões de pessoas e numa velocidade quase simultânea aos acontecimentos. Com isso, o real, que antes se afigurava distante, tendo de ser criado pela imaginação, passou a frequentar as telas dos smartphones em “ao vivo”, e, conforme a vontade dos envolvidos, de forma ininterrupta. Dessa maneira, pessoas que antes apenas liam, ouviam e viam histórias alheias passaram a, por meio dos recursos existentes, converter sua própria realidade diária em uma narrativa, de modo a oferecer a si e aos outros o contato com o mundo tal como é e conforme ansiado por estes.

Essas mudanças colocaram na mente dos sujeitos uma questão que põe a literatura em perigo. Ora, se temos o real em sua totalidade a nossa disposição, por que haveríamos de recorrer a romances forjados pela mente dos outros? Nesse momento, é que a ficção perde seu terreno. Nada mais precisa ser inventado ou imaginado, porque o mundo está aí, a sua disposição. A literatura, como cópia do real, não pode equiparar-se a este. Ademais, podemos agora tranquilamente tornarmo-nos protagonistas de nossas próprias narrativas, sem mais sermos pensados por cabeças alheias, no que nossas existências elas mesmas fornecem integralmente o material de

que precisamos para virarmos personagens de nós mesmos, e ainda sermos com isso abraçados pelo mundo da virtualização.

O crescente número dos chamados “youtubers”, que postam vídeos no canal controlado pelo Google, atesta esse fenômeno. Elevados ao patamar de grandes celebridades, eles costumam ser admirados por pretensamente mostrar os dilemas e inquietações das pessoas comuns a sua classe, localidade e faixa etária, com o que muitos se veem identificados. Para esse grupo de seguidores, trata-se de figuras iguais a eles, que conseguem transmitir, por meio de seu exemplo de vida, as mesmas experiências, porém com uma grande habilidade, o que os torna equivalentes aos grandes artistas. Mas que não se engane quem pensa que isso é reservado somente aos raros. Qualquer um que tenha os meios e técnicas a sua disposição tem potencial para contar a sua história e ser visto por todo o mundo. Logo, é nessa ideia de igualdade que as relações se estabelecem e se amplificam fortemente, tornado o real apresentado ainda mais factível.

As ameaças de que a ficção é alvo só existem dentro de um panorama geral crescente de isofonia. Somente quando todas as vozes são conclamadas a falar de uma só vez, é que torna-se possível emergirem as formas pelas quais a ficcionalidade é posta em contestação. Do contrário, haveria um cenário de diferença em que seria possível discriminar suas manifestações. Contudo, isso não pode mais ocorrer, e é aí que a hegemonia revela sua face verdadeiramente perversa; plenamente instituída, ela mostra que seu trabalho nunca foi promover a democracia por meio do livre acesso de todos à cena pública. Na verdade, o que ela sempre pretendeu foi disseminar formas culturais que facilitassem seu domínio, e isso foi feito por meio de uma atuação que primeiro vulgarizou os espaços destoantes,

e depois os submeteu a sua lógica até à desapareição. A literatura, que primeiro seguiu as normas da indústria cultural determinada pelo consumo, já não responde mais a nenhuma demanda do capital. Logo, a fim de evitar suas ações transgressoras, deve-se começar a apagá-la, tendo os *stories* reais dos indivíduos em seu lugar. Este é o caminho que lhe reserva a primazia youtuberiana.

Não é preciso ir longe para perceber a ilusão do realismo proposto pela nova cultura. Basta um simples exame superficial, e ela estará descoberta. Na sociedade espetacularizada, nenhum instante é verdadeiramente real, todos eles participam de uma ordem artificialista e pré-formatada. As histórias contadas nos vídeos são reproduções de itinerários narrativos constituídos por terceiros. As palavras se inserem por meio de jargões determinados comercialmente. Os pretensos atores não são mais do que fantoches que se deixam guiar pelo roteiro inicial das ideologias de massa em vigor e, depois, por empresários do ramo de entretenimento. O vestuário apresentado é invariavelmente o da moda, e a propaganda permeia cada item com sua insofismável onipresença, fazendo do próprio corpo dos apresentadores objeto de sua propagação. Nessa miscelânea de performances vazias, não existe o menor espaço para um vislumbre da realidade que se empurra para depois da câmera.

Mas, quem se importa? Para o sujeito pós-moderno, os significados já foram perdidos há muito tempo. Vivemos na era do cinismo e do escárnio, sem possibilidade de salvação. Nessa perspectiva, é a mentira pura e simples, e não a inventividade da ficção, que toma o lugar do que pode ser vivido como um real em sua potência.

É cedo para falar que a ficção como um todo, ou somente a literária, irá desaparecer, ou que a isofonia que a ameaça é um fenômeno permanente. É provável que, em algum momento, ela se torne desnecessária às forças dominantes. No entanto, será o caso de saber se ela foi suprimida pelas razões corretas.

Logo, não é impossível que a ficção permaneça. Contudo, este pode não ser o melhor de seus destinos. Exaurida por dentro, ela pode ser obrigada a vagar sem rumo entre os corpos e mentes humanos sem dizer-lhes coisa alguma, apenas reverberando palavras difusas e alheias, sem o menor tom de vivacidade. Nesse momento, alguns se lembrarão do tempo em que ela caminhava triunfante por entre as gentes do mundo; porém, isso terá sido já há muito tempo, e este lembrar-se ressoará não como uma volta ao passado, nem como uma nostalgia, e sim apenas como um breve comentário, uma memória curta, perdida na imensidão de relatos dos apresentadores virtuais e seus anunciantes.

